

Saber e agir: as táticas de futebol em movimento e o homem vulnerável

Knowing and acting: changing football tactics and human vulnerability

Fernando Miranda

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói / Brasil
Doutorando em Literatura Comparada, UFF
fernandogalo@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo pretende apresentar algumas mudanças na disposição tática dos times de futebol, através das quais houve a tentativa de tornar a equipe menos vulnerável. Para entender essa mudança, observo as táticas desde o princípio do futebol enquanto esporte sistematizado, na segunda metade do século XIX, até os dias atuais. Além disso, na tensão entre construir teoricamente um time e a ação dos jogadores em campo, procuro entender até que ponto esse desejo humano de ser invulnerável pode obter êxito no futebol e quais os seus aspectos falhos. Uma parte final, com menção aos games, procura ser a abertura para estudos e debates futuros.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia filosófica; Táticas de futebol; Vulnerabilidade humana.

ABSTRACT: This article presents some changes in football teams' formations that are supposed to make the teams less vulnerable. In order to understand those changes, I review football tactics from the beginning of its history as an organized sport in the second half of the 19th century until today. Furthermore, departing from the tension between the theoretical formation of a team and the actions of its players in a match, I try to understand to which extent the human struggle for invulnerability leads to success in football and which are its weaknesses. Video games are mentioned in the last part, which is open for future studies and debates.

KEYWORDS: Philosophical anthropology; Football tactics; Human vulnerability.

Em seu poema “De docta ignorantia”, dedicado a Nicolau de Cusa, e publicado em *Fidelidades* (1958), Jorge de Sena (2013) nos deixa, no último verso, a seguinte questão: “Se não soubermos, como não saber?”. Em “Von uns” (Sobre nós), poema do livro *Hier* (Aqui, 1964), Hilde Domin (2009, p. 118) escreve os seguintes versos: “Nós, condenados /a saber/ e não a agir”.¹ Parece que os dois poetas estão de acordo no que diz respeito à incapacidade do homem estar no mundo e simplesmente não saber. Antes que se evoque o dito socrático – “só sei que nada sei” –, recordo que Hans Blumenberg (2014, p. 47), em *Beschreibung des Menschen* (Descrição do ser humano), ao provocar tal afirmação, afirmava: “o certo é que sabemos muito, mas não sabemos o quão muito”.²

Não importa, aqui, discorrer sobre a possibilidade ou não do conhecimento “acumulado”, de sua dispersão, etc. O que nos aparece indispensável reconhecer é o fato de que, uma vez *presentes*, somos levados a saber – seja pela *presença* das coisas, dos outros, das leis, do espaço físico, da linguagem adquirida. Entramos num jogo – num mundo – que não se suspende para nós, não se interrompe, e nele atuamos, até que “nosso pó/ não se torne mais terra”, como encerra Domin (2009, p. 119) no poema acima mencionado. No entanto, se somos levados a saber, então parece que o movimento indicador do homem será, em princípio, o de defesa, isto é, o de reação aos impulsos externos. Se isso é correto, como agir? Apenas como resposta? Poderia haver uma “ação defensiva”, ou seja, uma tentativa de ser (im)positivo sem correr riscos? Posto no mundo, o ser humano é vulnerável. Não havendo outra opção senão a de estar no mundo, como se resolve esta equação do ser vulnerável que pretende agir através da invulnerabilidade?

Para abrir possibilidades de pensar esta condição antropológica, concentro-me no uso de táticas de futebol como uma proposta de “atacar permanecendo invulnerável”. Antes, demonstrarei como, uma vez no campo de jogo, os jogadores estarão “condenados” tanto a *saber* quanto a *agir*. Por fim, tentarei deixar em aberto um caminho para pensar o futebol nos *games*, este lugar em que as contingências vão

¹ “Wir, verurteilt/ zu wissen/ und nicht zu handeln”. Todas as traduções são minhas e pretendem apenas facilitar o acesso ao entendimento do texto por parte do leitor de língua portuguesa.

² “Richtig ist, wir wissen *sehr viel*, aber wir wissen nicht, *wie viel*”.

sendo conduzidas a uma “reserva virtual” sem nenhuma consequência de retorno à realidade, ao contrário do que acontece no esporte “de verdade”.

A passagem do futebol para a antropologia filosófica e o retorno ao futebol, com a poesia como intermediária ou mesmo primeiro lance foge de uma construção textual mais científica – ou cientificista – sem deixar, porém, de estar ciente da condição – mesmo vulnerável – que esse tipo de abordagem pode apresentar.

POESIA INICIAL

Logo no início, mencionei o poema “De docta ignorantia”, de Jorge de Sena, citando o verso “Se não soubermos, como não saber?”. Passo, agora, para o verso seguinte, isto é, o que abre o próximo poema, “Isto”: “Não queiras, não perguntes, não esperes”. Primeiro, chamo a atenção para os versos de Sena e as perguntas-base de Kant: não queiras (que posso saber?), não perguntes (que devo fazer?), não esperes (que posso esperar?). Dessas três perguntas, abstrai-se uma quarta: o que é o homem? Embora não “explícita” no poema, a pergunta pelo homem é, a meu ver, uma constante na obra do poeta português, imenso conhecedor do humanismo – e, decerto, praticante de um dos seus tantos desdobramentos – e consciente dos embates que toda ideia sobre o homem encontra no momento em que o homem concreto se vê diante das inúmeras transformações e desafios no mundo.

As três perguntas kantianas tocam três importantes bases do homem – ou do conhecimento e do fazer humanos –, que são: ciência (que posso saber?), política/ética (que devo fazer?) e religião (que posso esperar?). Se considerarmos os versos senianos como uma resposta às questões de Kant, então as três negativas já indicam um caminho de resposta, ou seja: agir. Pois uma vez no mundo, ao ser humano só cabe agir, ou, dito de outro modo: viver. Saiba ele ou não (tenha ou não conhecimento da ciência); saiba como se comportar ou não (tenha ou não conhecimento dos princípios éticos); tenha esperança ou não: terá de agir. Antes de passar ao futebol, menciono o agir como uma possibilidade de atuar, de jogar.

O que cria uma tensão neste verso que abre “Isto” é justamente o verso que o precede, já aqui citado, e que encerra “De docta ignorantia”: “Se não soubermos, como não saber?” Fica expressa a impossibilidade de não saber, assim como já

estava expressa a impossibilidade de não agir. Não se forma uma dicotomia, mas uma contiguidade. Uma contiguidade, no entanto, que parece realizar um arco de diferenciação no acento, em que se passa de um primado do agir a um primado do saber, na tentativa de anular as contingências que podem surgir diante da ação. É este mecanismo de tentar se tornar invulnerável que pretendo apresentar, de forma breve, nas reflexões sobre táticas de futebol, e que pretendo investigar, em trabalhos futuros, como uma constante antropológica.

LANÇAMENTO DE QUARENTA METROS

Da poesia ao futebol, deixo alguns elementos da antropologia filosófica estrategicamente posicionados no meio campo, com três volantes – dois de boa qualidade no passe – e um articulador com bom chute de fora. Dos versos, à tática: como fundamento, o conceituado livro de Jonathan Wilson (2008), *Inverting the Pyramid*, em que fica evidente o caminho que o futebol toma não para se tornar um esporte menos ofensivo, porém para permanecer ofensivo com a preocupação de defender-se. Não afirmo, claro está, que não havia nenhuma preocupação defensiva no início do futebol enquanto jogo sistematizado, surgido na Inglaterra do século XIX – é dele que parto, por considerar que é este o jogo com o que, até hoje, nos ocupamos. Neste caminho de um acento maior na defesa, inúmeras foram as contribuições na tentativa de atacar sem ser atacado. Ao contrário do que ocorre com os *drones*, por exemplo, o futebol não permite – pelo menos não foi ainda encontrada a fórmula – que se realize este desejo de atacar sem ficar vulnerável.³ Se nos *drones* temos a supressão do ser humano, no futebol isso não foi ainda possível, a não ser nos *games*, de que falarei mais adiante.

A tese de Wilson é, basicamente, a seguinte: o futebol era jogado com um maior número de atacantes e, aos poucos, chegou ao modelo que hoje nos é familiar, com mais defensores e, em geral, apenas dois ou mesmo um atacante. Daí o termo pirâmide.

³ Um artigo sobre a invulnerabilidade a partir dos *drones* está sendo desenvolvido com Nelson Shumacher Endebo (UERJ).

No esquema 2-3-5 a pirâmide tem a sua base no ataque. Nos esquemas atuais (5-3-2, 4-4-2, e um pouco mais distante, no 4-4-3), há a nítida inversão disso. Sem dúvida, o esquema 3-5-2, muito utilizado nas últimas décadas, elabora outra imagem, que eu consideraria como uma tentativa de desdobrar a pirâmide. A metáfora escolhida por Wilson é precisa, uma vez que uma pirâmide necessita de uma base, e base é o fundamento que proporciona ao homem uma concretização das suas ideias. Se considerássemos a defesa como a base do sistema 2-3-5, certamente teríamos um problema de justificativa, pois a base não suportaria o peso. É preciso, ainda, ter em mente o lugar desde onde se observa. O jogo começa com a bola no meio, e parece, então, eficiente que a disposição inicial de um time tenha, na sua primeira linha, um número maior de jogadores (fig. 1).

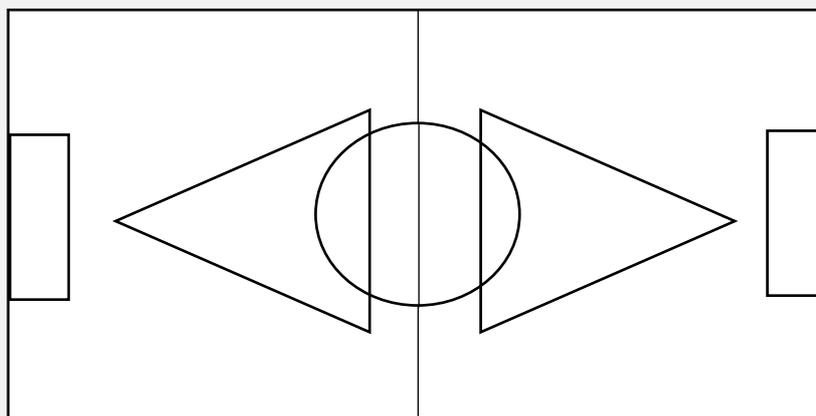


Fig. 1

Se partirmos do jogo já em movimento, ou seja, no seu aspecto dinâmico, então a base está próxima ao gol adversário, é dele que parte a ideia do fundamento do jogo (fig. 2).

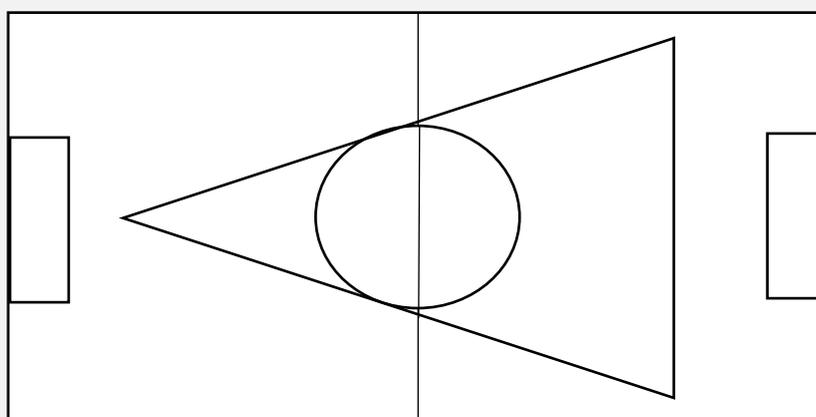


Fig. 2

O caso do 3-5-2 parece demonstrar a importância que o meio-campo passou a ter como domínio do jogo – muito parecido ao modo de pensamento do xadrez, com a diferença de que o domínio do meio, no xadrez, é uma projeção, pois as peças se encontram, desde o começo, próximas ao rei – ao *goal* (meta) –, enquanto que no futebol as peças são prontamente movidas, no 3-5-2, para ocupar fisicamente o meio-campo. Podemos afirmar que são formadas duas pirâmides (fig. 3).

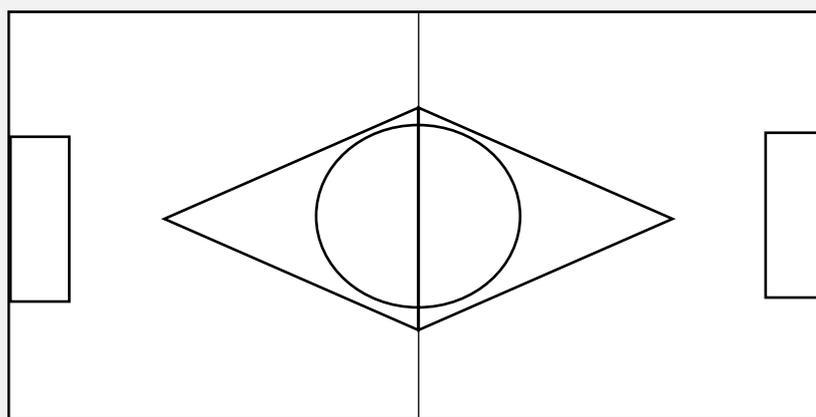


Fig. 3

Desvio: a figura acima não deixa de ser uma prova – metafísica? – de que o Brasil aguardava o futebol antes mesmo de sua chegada ao país.

Nos esquemas atuais, fica notória a inversão da pirâmide, o que indica não apenas a mudança da tática em si, mas onde se localiza a base, isto é, a partir de onde se constrói a importância do jogo (fig. 4).

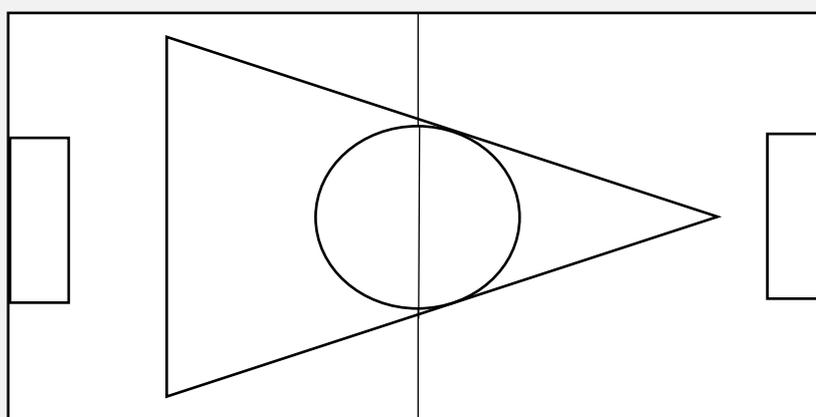


Fig. 4

As transformações não foram lineares. Há, ao longo da história, muitos outros casos, alguns bem mais complexos para a geometria, como o chamado carrossel holandês de 1974, liderado pelo recém falecido Johan Cruyff, em campo, com Rinus Michels como treinador. Essa espécie de futebol total, conforme ficou conhecido o modo de jogar, pode ser visto, hoje em dia, em equipes como o Borussia Dortmund – primeiro, com Jürgen Klopp, agora, com Thomas Tuchel – e o Mainz 05, treinado por Martin Schmidt. Não se trata de uma simples repetição do futebol total, mas de semelhanças em alguns aspectos no que diz respeito ao princípio de jogo e ao modo como se relacionam com a mobilidade tática dos jogadores – ou *Akteure*, como muitas vezes se diz em alemão, não como referência a ator (*Schauspieler*), mas a agente. A semelhança ator/*Akteur* não é simples acaso e possui sua base no latim *actor*.

Se não foram lineares, também não deixaram de ser transformações em direção ao aspecto de formar a base na defesa, deixando a equipe o menos vulnerável possível, ao mesmo tempo que, aos poucos, se diminui o poder ofensivo, tanto por utilizar menos *atores* no ataque, como por enfrentar um adversário – quase – sempre bem postado defensivamente.

LANÇAMENTO INTERCEPTADO

Uma reflexão sobre o agir no futebol começaria pelo saber, isto é: os jogadores sabem o que fazer, sabem as regras – mesmo sem que as tenham eventualmente lido –, sabem os objetivos do jogo. Um saber basilar, que se constrói empiricamente ou pelo aprendizado sistemático, em escolas de futebol, colégios, clubes. Embora eu não possa tratar, aqui, de uma sociologia do lugar de aprendizado do jogo – certamente a várzea não é o clube aristocrático –, isso não significa que esse aspecto não devesse ser ao menos mencionado. Partirei, no presente artigo, de um futebol de adultos, profissional, extremamente sistematizado.

Como qualquer esporte, o futebol obriga a uma ação. Alguns esportes o fazem por regras bem definidas, como os de luta, em que atletas são punidos por falta de combatividade, ou o basquete, em que cada equipe possui tempo de posse

de bola. Vôlei e tênis, por exemplo, também demarcam e delimitam a ação: o jogador só possui a possibilidade de dar um toque na bola, durante a jogada em curso, e o time, três; no tênis, o jogador tem de responder com apenas um movimento, não podendo “dominar” a bola antes de passá-la para o outro lado. Os princípios do jogo se encontram já tão inseridos no imaginário, que chega a parecer um absurdo que o jogo pudesse ser assim com, por exemplo, dois toques – um de domínio e outro de ataque.

Como dito acima, o agir está acompanhado do saber, porque é preciso ter conhecimento dos movimentos, dos objetivos, da coordenação com os companheiros de time de um domínio considerável do espaço, bem como a capacidade de “recortar o real”, ou seja, de eliminar do campo perceptivo aquilo que não faça parte do jogo. Como os jogadores ainda são humanos, esse recorte é apenas parcialmente possível, e a torcida, por exemplo, ainda *faz* (algum)a diferença. O saber precisa de um dinamismo, pois o tempo de raciocínio é menor que um segundo em lances de drible, chutes a gol, escanteios, etc. Um dinamismo que confere aos times uma maior vulnerabilidade, apesar de todo o movimento histórico das táticas em direção a essa tentativa de se tornar invulnerável ao mesmo tempo em que se ataca o outro.

É conhecido por muitos o episódio do grupo de comédia britânico, Monty Python, em que dois times de filósofos – alemães e gregos – se enfrentam numa partida de futebol. Após o apito inicial, a bola permanece parada, e os filósofos caminham pelo campo, meditando, mantendo diálogos, até que Arquimedes grita “Eureca!” e a Grécia realiza uma linha de passe para o gol da vitória. O jogador não possui esse tempo para especular, sua ação e interpretação de cada movimento do jogo parecem reunir passado, presente e futuro em incessante atualização, sem chances para lembranças, lamentos ou considerações. Não no momento do jogo.

Recentemente, o jogador armênio Henrikh Mkhitaryan (2016, p. 14), do Borussia Dortmund, declarou que um dos motivos da melhora do seu desempenho em campo foi o fato de ter aceitado as falhas e deixado de pensar nelas durante as partidas, passando a se preocupar apenas com a sequência do jogo. Nota-se, nesse tipo de declaração, como o saber que prepara a ação não se direciona somente ao aspecto motor, ou seja, aos movimentos do corpo, mas às condições do espírito.

Casos como o de Adriano, revelado pelo Flamengo e que viveu seu ápice na *Internazionale* de Milão, quando recebeu o epíteto “imperador”, demonstram o quanto um despreparo emocional interfere na atividade técnica do jogo. A *composição* de um atleta acompanha a composição de um ser humano – apesar de um certo afastamento que se exige entre o ser humano dito comum e o atleta, sobretudo o de excelência.

DE VOLTA AO JOGO

A partir do momento em que os times não podem simplesmente estar parados em campo, meditando, conjeturando sobre o que fazer, como pode ser operada a invulnerabilidade? Como mencionado acima, as primeiras equipes possuíam uma distribuição tática que, se bem as tornava ofensivas e capazes de fazer muitos gols, as deixava extremamente vulneráveis. É provável que essa não tenha sido uma primeira preocupação, no início do futebol sistematizado, pelo fato, aparentemente simples, de que o objetivo do jogo é fazer gols. É essa a primeira consciência que emerge: como cumprir a *meta* do jogo, como organizar uma equipe para isso?

Um aparato defensivo já existia, no começo, apesar de possuir poucos jogadores para isso. A figura do goleiro, mística e mítica por excelência, dada a sua distinção em relação aos demais jogadores, não pode ser subtraída. Lá esteve ele, guardião da meta, do portão – em alemão, *Torwart*, aquele que guarda o portão; em italiano, *portiere*, ou seja, porteiro; em inglês, *goalkeeper*, também aquele que guarda o portão; em português brasileiro, perdemos o guarda-metas e passamos a adotar, preferencialmente, goleiro, criativa forma de assimilação. Existia, portanto, um reduzido grupo de jogadores responsáveis por evitar que a equipe contrária consumasse o objetivo do jogo.

Como demonstra Wilson, na inversão da pirâmide, o fato de que, ao longo das décadas, um maior número de jogadores tenham migrado para a defesa, me parece uma mudança no próprio objetivo do jogo, ou, dito de outro modo, na maneira como esse objetivo é entendido. O futebol continua sendo um esporte em que uma equipe precisa colocar a bola mais vezes dentro do gol do que o seu

adversário. O que muda, então? No lugar de entrar em campo pensando em colocar a bola mais vezes dentro do gol adversário, o objetivo se altera para evitar que o adversário consiga fazer isso. O auge desse processo parece ser os anos 90, sobretudo se tomarmos a Copa do Mundo – coincidentemente ou não, disputada na Itália, o país de cultura futebolística mais defensiva do mundo – como referência. Num estudo mais detalhado, que não cabe no presente artigo, seria necessário observar o próprio momento em que a tática passa a ocupar um lugar de destaque na construção e apreciação do jogo. A figura do técnico, muitas vezes um mero selecionador, aparece como papel importante, o que, logicamente, provoca grandes alterações no modo de pensar o jogo. As inquietações de Dante Panzeri (2000; primeira edição em 1967) e Carlos Peucelle (2011; primeira edição em 1975) demonstram bem isso, na transição dos anos 60 para os 70. Será nesta década que Rinus Michels trará a revolução tática com a Holanda de 74 e 78. E, conforme dito acima, será nos anos 90 que vivenciaremos um certo auge da defesa. Será nessa mesma década que veremos uma alteração crucial na regra do jogo, tornando as equipes mais vulneráveis: a proibição do goleiro pegar a bola com a mão após um recuo de seu companheiro, exceção feita nos recuos com o peito ou de cabeça. Cabe mencionar que um jogador, tendo a bola dominada, não pode simplesmente jogá-la para cima e devolver para o goleiro com a cabeça.

Como funciona o mecanismo para evitar que o adversário consiga fazer gols? Não é apenas na inversão da pirâmide, mas também no modo de jogar. Por exemplo, a ideia de posse de bola, que recentemente foi vista como um dos grandes méritos do Barcelona – sobretudo na fase de Pep Guardiola como treinador – e da seleção espanhola, que, não por acaso, possuía muitos jogadores da equipe catalã. Enquanto meu time tem a bola, mesmo sem ser agudo no ataque, o adversário não poderá me ameaçar, pois é preciso ter a bola para fazer o gol. Sem entrar em méritos de qualidade ou falta de qualidade em espetáculo, o que chama atenção, nesse tipo de sistema, é, primeiro, a sua eficiência durante praticamente uma década – estou tomando, como marco, a Espanha de 2008, campeã europeia, e a “queda” do Barcelona de 2013, goleado pelo Bayern de Munique, na semifinal da Liga dos Campeões – e, também, como foi preciso recuperar outros tipos de jogadores, como os zagueiros e meias defensivos que soubessem passar bem a

bola, dominar, e não simplesmente destruir o jogo adversário. A recente passagem do próprio Guardiola, pelo Bayern de Munique, e seus resultados pouco satisfatórios na Liga dos Campeões, assim como um Barcelona com cada vez maiores dificuldades no seu jogo, parece demonstrar que o adversário encontrou o espaço de vulnerabilidade dessa maneira de jogar.

Outra ideia defensiva muito difundida é a de manter os jogadores atrás da linha da bola, inclusive os atacantes e meias ofensivos. O Atlético de Madrid de Diego Simeone, por exemplo, é extremamente eficiente nesse tipo de postura tática. Isso não seria possível em épocas em que jogadores não eram tão atléticos. Esse aspecto tático não modifica tanto a distribuição dos jogadores em campo, ou seja, se poderia falar de 4-4-2 nos anos 80 como se pode falar de 4-4-2 agora. O que muda, essencialmente, é o espaço do campo ocupado pelos jogadores. Em termos simbólicos, é como se o futebol de campo tivesse se tornado uma sucessão de jogos de futebol de salão, ao longo dos noventa minutos. Por outro lado, como o campo continua com suas dimensões de antes, o que vemos, no momento em que essa compactação é quebrada, é um ataque impetuoso e fulminante, como se a tensão promovida no curto espaço se expandisse velozmente, numa espécie de explosão.

AOS 44 MINUTOS

Ressalto, já perto do fim do presente artigo, um trecho do título: as táticas de futebol em movimento e o homem vulnerável. Não falo, portanto, em homem invulnerável, ou seja, trago um homem que não conseguiu cumprir seu desejo, ao contrário do que poderíamos afirmar sobre os *drones*. Houve um movimento em direção a isso, como observado na inversão da pirâmide, mas parece que o desejo não apenas não se cumpriu, como não poderá mesmo se cumprir, no futebol – no esporte, em geral –, uma vez que a contingência não pode ser apartada, nem o homem, suprimido.

Embora seja recorrente o uso de termos que engrandecem os atletas, como “herói”, “guerreiro”, “imperador”, etc, é na fragilidade, ou seja, na aproximação que o espectador passa a ter com o atleta, no momento em que essa projeção do herói

cai e aparece a face humana, que o esporte recupera a sua grandeza e mantém vivos os ensinamentos, os fascínios que ele pode proporcionar.

Das táticas em movimento, realço como faz parte do esporte o domínio do espaço e do tempo, a relação que o corpo tem com esse espaço, com o espaço dos outros corpos, com o espaço e o tempo da bola, com o próprio tempo de duração do jogo. Não é difícil notar que um grande malabarista, alguém capaz de truques com a bola, não é necessariamente um bom jogador de futebol. Não é difícil notar as equipes que se desgastam muito na primeira metade do jogo e, na segunda etapa, não conseguem render e acabam sofrendo gols. Essa consciência do espaço e do tempo, em seus múltiplos fatores, é um domínio do saber prático, necessário a qualquer praticante de futebol, e que vai compor, tanto quanto a qualidade de domínio de bola, o limite entre o bom, o razoável e o excepcional jogador.

A coordenação no movimento entre os jogadores é um atributo indispensável para qualquer equipe. O fato de que um certo aspecto mágico tenha se tornado referência e até mesmo exigência no imaginário cultural brasileiro parece ter deixado em segundo plano outros elementos incontornáveis do jogo, como a tática, que, quando abordada, parece ser reduzida a uma análise combinatória, como se os números não fossem incorporados por atletas cujas características fazem um mesmo esquema oscilar entre diversas possibilidades.

O dinamismo do futebol obriga os jogadores a serem capazes de tomar decisões num curto espaço de tempo, não apenas no que diz respeito a passar, chutar, mas a posicionar-se, seja na defesa, seja no ataque. Num linguajar futebolístico: *saber* jogar sem bola. É preciso saber agir; é preciso reconhecer a própria fragilidade e correr os riscos – ser vulnerável – para se atingir algumas marcas. O dinamismo do futebol não permite afirmar que tenhamos chegado a um fim dos seus recursos táticos – se chegamos, pode ser que o jogo comece a declinar, até que encontre o seu derradeiro fim, caso sociedades futuras não encontrem nele o que nós (ainda) encontramos.

ACRÉSCIMOS DO ÁRBITRO

Para encerrar este trabalho, trago duas brevíssimas considerações sobre os *games* e o que eles nos proporcionam pensar no que diz respeito ao futebol, ou melhor, a dois aspectos inerentes ao jogo. Primeiro, a questão que poderíamos incluir na linha fenomenológica, que envolve as alterações do jogador em relação àquilo que ele percebe durante uma partida. O segundo ponto é o da supressão do ser humano.

Pelo menos até onde sei, apesar de todo o desenvolvimento da tecnologia entorno dos *games*, os jogadores, cujos movimentos estão cada vez mais semelhantes aos dos humanos, num alto nível de detalhamento, não sofrem com calor, frio, gritos da torcida – a favor ou contra – nem titubeiam diante da possibilidade do fracasso, sobretudo após a falha numa jogada anterior. As emoções e a memória desaparecem. Seria o ideal do jogador humano, no futebol *real*?

O apagamento da história protege o ser humano das suas consequências. Não é possível pensar num Barbosa e num Roberto Baggio, marcados para toda vida, que tenham falhado no *game*. Se é verdade que, por enquanto, o *game* é dependente do real, pois são os nomes famosos do futebol real que impulsionam as vendas, bem como as (logo)marcas dos clubes – outrora conhecidas como escudos –, é também verdade que o *game* pode, à medida que a história avança, tornar-se mais autônomo e, com isso, afastar-se do seu referente e, quem sabe, desenvolver um modo próprio de execução, que não tenha nas jogadas humanas sua base. Essa é, sem dúvida, uma fraca especulação, cuja resposta só será possível no futuro. Decerto, o *game* proporciona ao ser humano um enorme campo de experimentação, sem consequência no real.

Essa questão já permite entrar na seguinte, a da supressão do humano. Os *drones* funcionam porque o ser humano não está mais ali, dentro da aeronave. Um avião de combate corria o risco de ser abatido, e seu piloto, de ser morto ou preso. O *drone* corre o mesmo risco do avião, porém o seu “piloto” está a não sei quantos quilômetros de distância. Foi cumprido o desejo de tornar o ser humano

invulnerável, através de um aspecto algo simples: o ser humano vê – no *drone* – sem ser visto. No futebol, claro está, isso não é possível.

Por outro lado, o ser humano que não está mais ali é, de todos modos, o ser humano que comanda a ação do *drone*, e, não menos, procura causar danos a outro ser humano, que busca se defender contra o inimigo bem mais ousado do que qualquer kamikaze. Se nos *games* há uma inconsequência, nos *drones* a consequência é o extremo: destruição e morte – do inimigo

O futebol herdou muito dos elementos de guerra, inclusive no vocabulário.⁴ Não herdará, penso, o resultado técnico ao qual a guerra chegou, permitindo ao homem permanecer invulnerável enquanto ataca.

REFERÊNCIAS:

BLUMENBERG, Hans. **Beschreibung des Menschen**. Org. Manfred Sommer. Frankfurt am Main: Surhkamp, 2014.

DOMIN, Hilde. **Sämtliche Gedicht**. Org. Nikola Herweg e Melanie Reinhold. Frankfurt am Main: S. Fischer, 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses** – futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MKHITARYAN, Henrikh. **Stadion aktuell** – die offizielle Stadionzeitung des VfB Stuttgart 1893 e. v. 23. April 2016. 16. Ausgabe. Stuttgart.

SENA, Jorge de. **Obras completas** – Poesia I. Lisboa: Babel, 2013.

WILSON, Jonathan. **Inverting the Pyramid** – a history of football tactics. Londres: Orion, 2008.

* * *

Recebido para publicação em 19 ago. 2016
Aprovado em 02 nov. 2016

⁴ Sobre o uso de metáforas bélicas, cf. Hilário Franco Júnior. A dança dos deuses – futebol, sociedade, cultura (2007).